

“ENTRE ESTANTES”: SINGULARIDADES NA ORGANIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS PARTICULARES DE DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Alicia Dill Loose¹
Camila Monteiro de Barros²

“Cada livro era um mundo em si mesmo e nele eu me refugiava”
Alberto Manguel

RESUMO

O presente artigo busca identificar o processo de organização do conhecimento em bibliotecas particulares de professores da Universidade Federal de Santa Catarina. De modo específico, pretendeu-se descrever os métodos de organização empregados nos acervos investigados, bem como realizar uma comparação com os sistemas de classificação bibliográficas. Trata-se de um estudo com uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo. Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis docentes da universidade, que ocorreram presencialmente nas bibliotecas alvos do estudo ou de maneira remota quando os acervos se encontravam nas residências. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, onde utilizou-se do método de análise de conteúdo para tratar os dados. Após as entrevistas, constatou-se que em sua maioria as bibliotecas se assemelham com os sistemas de classificação bibliográficas (CDD e CDU) em suas estruturas ao definirem o assunto como princípio de organização, além da utilização dos autores no momento da classificação, pela utilização do ano na ordenação das obras e o uso do critério de localização. Entretanto, os critérios de cunho pessoal na organização se sobressaíram, como a utilização da importância como método de classificação, a divisão por continentes e países como classe principal, a ordenação pela trajetória de vida do docente e do livro, bem como a criação de um sistema próprio de classificação. De modo geral, os critérios pessoais se destacaram no método de classificação usados pelos professores, fato que evidencia o quanto a biblioteca pessoal é o reflexo de vida de seu proprietário.

Palavras-chave: biblioteca particular; organização de bibliotecas particulares; sistemas de classificação bibliográficas.

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca é um organismo vivo em constante crescimento e evolução, como afirma Ranganathan (2009), sendo parte constitutiva da sociedade por promover o acesso à informação de maneira democrática. Ela não se detém a ser um mero depósito de livros, mas um espaço com o propósito de armazenar e disseminar informações, independentemente de seu suporte, atuando na construção do saber. Porém, sabe-se que a sociedade é formada por pessoas com

¹ Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: alici.loose@gmail.com

² Professora orientadora. Doutora em Ciência da Informação - UFSC. Professora no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: camila.c.m.b@ufsc.br

diferentes necessidades, na qual as bibliotecas precisaram se adaptar (ARAÚJO; VILA, 2019). Nesse cenário surgem diversos tipos de bibliotecas, como por exemplo as particulares.

As bibliotecas particulares nascem a partir das necessidades e contextos pessoais de seus proprietários, estando diretamente ligadas aos assuntos inerentes aos seus interesses pessoais e profissionais (VELLOSO, 2008). Costa e Napoleone (2017, p. 1) observam que uma coleção particular “tem seu próprio discurso, podendo mostrar a visão do mundo, interesses e valores de seu colecionador”, pois sua formação é um reflexo de sua trajetória de vida, uma biografia de seu tutor, onde os critérios escolhidos para organizar esse tipo de acervo partem das vivências e conhecimento que o colecionador adquire ao longo de sua vida. Dessa maneira, a organização da informação nesses espaços também reflete essas particularidades.

Lúis Milanese (2002, p. 12) diz que “o que define a condição de biblioteca é a existência de alguma forma de organização que permita encontrar o que se deseja, mesmo que só o proprietário, ou poucos, tenham êxito nessa busca”. Dessa forma, em uma biblioteca, a organização dos livros deve ser feita seguindo critérios determinados pela instituição mantenedora ou pelo proprietário da coleção, estabelecendo um padrão de classificação.

Dentro do campo de atuação da biblioteconomia, as atividades relacionadas à organização do conhecimento e da informação possibilitam o acesso a documentos em unidades de informação e a “recuperação do conteúdo intelectual dos documentos pelos catálogos através do índice de assuntos” (SOUZA, 2007, p. 104). Assim, os acervos de bibliotecas, que estão em constante crescimento, exigem um método de organização sistemática das obras nas estantes e de seu conteúdo enquanto assunto nos sistemas informatizados a fim de possibilitar a recuperação de documentos pelos usuários, momento em que a classificação exerce fundamental papel. Portanto, é evidente a importância da implementação de sistemas de classificação bibliográfica e de indexação de assunto nas bibliotecas, sendo ferramentas indispensáveis no tratamento da informação (SOUZA, 2007).

Os principais sistemas de classificação utilizados em bibliotecas no ocidente são a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU), sistemas de uso internacional com foco em uma pré-ordenação de classes de assunto (GIGANTE, 1995). Entretanto, tais classificações possuem estruturas complexas e extensas, que nem sempre são amigáveis e, portanto, podem não atender às características de acervos mais específicos como são os particulares. Além disso, Costa e Napoleone (2017) apontam que outros critérios são passíveis de serem utilizados na organização de um acervo além do assunto, como autor, idioma ou ordem alfabética, tendo a possibilidade de combinar esses métodos. Toda forma de organização segue características de classificação, ou seja, adotam um elemento de ligação que serve de norteador no agrupamento de obras semelhantes (BARBOSA, 1969). Nesse contexto, surge a pergunta de pesquisa: Como se caracteriza a organização das bibliotecas particulares em um grupo docente do ensino superior?

O objetivo geral desta pesquisa é caracterizar o processo de organização das bibliotecas particulares de docentes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). De modo específico, busca-se descrever os aspectos gerais dos princípios de organização da informação utilizados pelos docentes e verificar semelhanças desses métodos com os sistemas de classificação bibliográficos, especificamente CDU e CDD.

2 BIBLIOTECA PARTICULAR

A biblioteca é definida por Caribe (2017) como uma unidade social formada com o objetivo de atender as demandas informacionais de uma clientela, tendo seus objetos informacionais organizados de maneira a possibilitar seu acesso e disseminação. Entende-se que “as bibliotecas são depositárias do conhecimento registrado, são espaços de convivência com a informação e de promoção de autonomia ocasionada pelo estudo” (SILVA, 2018, p. 72).

Mas, para além de um depósito de livros, as bibliotecas são importantes transmissoras de memórias, pois estão intimamente relacionadas com a evolução do conhecimento humano, sendo através de suas prateleiras que esses conhecimentos são preservados e disseminados através dos tempos. Vê-se, então, a biblioteca como uma importante instituição social no processo de comunicação humana (SANTOS, 2012).

Assim, as bibliotecas existem com o propósito de armazenar e disseminar informações, sendo um espaço de construção do saber, possuindo uma coleção planejada de obras organizadas com o objetivo de atender as demandas de uma comunidade específica. Para atender as necessidades informacionais de seu público, as bibliotecas podem ser de vários tipos, “sendo distinguidas por duas características principais: o público atendido e a natureza do acervo, sendo esta última determinada pela primeira” (HENKLE, 1952, p. 169, tradução nossa). Ou seja, a biblioteca constrói sua coleção, define seus recursos informacionais e seu método de organização baseado nas necessidades de sua clientela (CARIBE, 2017).

De modo geral, encontramos hoje bibliotecas de todos os tipos, sendo elas públicas, que são bibliotecas mantidas por órgãos públicos que visam fornecer o acesso à informação a toda sociedade; universitárias, que são parte das instituições de ensino superior e possuem um papel fundamental no ensino, pesquisa e extensão; escolares, que atuam na promoção da leitura e aprendizado fora da sala de aula, oferecendo suporte à comunidade escolar; especializadas, que se caracterizam por terem suas coleções formadas por informações de uma área temática específica, atendendo geralmente a um público especializado e; as bibliotecas particulares, principal tópico de estudo desta pesquisa (FREITAS; SILVA, 2014; SILVEIRA, 2014; ARAÚJO; VILA, 2019; CARIBE, 2017).

Uma biblioteca particular é definida, de acordo com Faria e Pericão (2008) em seu livro “Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico”, como uma biblioteca criada para o uso particular de um indivíduo ou instituição, sem se utilizar de recursos públicos. A concepção de uma biblioteca particular nasce a partir da construção do acervo através de uma dimensão humana, controlada pelo proprietário e constituída por obras escolhidas sob determinados critérios pessoais, infundido com as preocupações e questões intelectuais e vaidades de seu possuidor (SILVA, 2018).

Tal biblioteca evidencia, em certa medida, uma identidade de seu titular, caracterizada por suas particularidades, tornando a biblioteca um tipo de autobiografia e um retrato da formação de conhecimento do proprietário. Ora, se a biblioteca particular é um reflexo de uma construção pessoal, sua formação trará obras que representam o crescimento, desenvolvimento e a evolução do saber daquele que a fundou (LACERDA, 2021).

De acordo com Coelho (2010), os livros que compõem esse acervo são reunidos conforme as escolhas pessoais de seu proprietário, exibindo uma articulação de pensamentos, pois ela carrega em si uma história de vida única construída ao longo do tempo com dedicação e amor aos livros, formando o acervo com obras que a tornam singular. A biblioteca particular acompanha as diferentes trajetórias de vida de seu proprietário, “de modo que sua importância não pode ser contabilizada pelo tamanho do acervo, mas pela vida que flui dentro dela. Independente de sua grandiosidade, as bibliotecas são sempre infinitas e insubstituíveis” (COELHO, 2010, p. 4).

Estas coleções são recortes de uma vida, sendo repleta de metáforas e memórias acumuladas ao longo do tempo, sendo os livros seus transmissores, pois testemunham a vida e conhecimento de seu tutor (AZEVEDO et al., 2018; VELLOSO, 2008). Desse modo, Silva (2018, p. 58) diz que “uma biblioteca particular representa os interesses de seu colecionador, já que reúne objetos de acordo com percepções subjetivas de seu possuidor [...] constituindo-se como uma memória individual”, narrando sua trajetória intelectual baseada na temática de seus interesses. Nesse contexto, a biblioteca se torna a imagem fundamental do indivíduo na qual

ele projeta sua visão do mundo do saber, formando-a através de uma perspectiva da cultura de sua própria personalidade, sendo o “Eu no centro de Minha biblioteca” (MOLES, 1978, p. 40).

Dessa maneira, entende-se que o objetivo de formar uma biblioteca particular é algo muito intrínseco à trajetória de vida do indivíduo, onde além de proporcionar prazer, a formação de uma coleção pessoal está ligada à prática de organizar o conhecimento sobre os assuntos inerentes aos interesses pessoais e profissionais do proprietário (VELLOSO, 2008).

Além disso, é importante destacar a importância das bibliotecas particulares como instrumentos de investigação sobre a história intelectual de determinado período. De acordo com Antônio Cândido (1990 apud LACERDA, 2017), uma coleção particular em sua forma íntegra é um instrumento relevante no processo de investigação da formação de mentalidades num dado momento histórico.

A evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. Através desta cultura é possível esclarecer a história intelectual de um período, pois a formação de uma biblioteca equivale geralmente à superposição progressiva de camadas de interesse, que refletem a época através da pessoa (CÂNDIDO, 1990, p. 82 apud LACERDA, 2017).

Assim, as bibliotecas particulares se tornam um campo profícuo de estudo que, além de revelar o perfil intelectual de seu proprietário, permite a investigação da formação de uma mentalidade histórica (SILVA, 2002).

Mas além da herança histórica, a biblioteca particular deixa importantes heranças pessoais de seu proprietário, como cita Azevedo (2010, p. 246):

[...] temos a certeza de que os livros são mais fortes e soberanos que nós próprios, mas longevos de fato. O proprietário passa e eles ficam - quase que de maneira irônica, pode-se dizer - como um descendente daquele que ao longo da vida a gestou, alimentou e a criou. Vivo, o colecionador dominava, tinha o poder do acervo; com sua morte, vivem em e por seus livros. Esses, então, assumem um papel de prolongamento da memória do ente que a concebeu, pois permanece na coleção a essência dele. Com isso, ela irá ao longo dos anos perpetuá-lo.

A biblioteca particular se difere de bibliotecas para fins coletivos em sua própria estrutura, sendo orientada unicamente por aquele que a formou “como um prolongamento de si mesmo, uma extensão de sua pessoa intelectual” (MOLES, 1978, p. 51).

Historicamente, Bezerra e Silva (2008) apontam que as primeiras bibliotecas particulares foram criadas por reis, rainhas, filósofos e grandes colecionadores que objetivavam formar um acervo de obras que atendessem às suas necessidades e interesses específicos, de maneira que muito do que conhecemos ou deixamos de conhecer da sociedade em determinadas épocas é resultado dos conhecimentos mantidos por essas coleções. Assim, as bibliotecas particulares se perpetuam da antiguidade até os dias de hoje, se tornando, muitas vezes, base de importantes bibliotecas.

Moraes (2005) diz que ao estudar sobre as grandes bibliotecas no mundo, sobretudo as nacionais, vê-se que tais acervos são formados a partir de bibliotecas particulares, que foram crescendo e se desenvolvendo com a aquisição de outras coleções pessoais. O mesmo ocorre com bibliotecas universitárias, que têm bibliotecas particulares de professores universitários incorporadas em suas coleções, como é o caso da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE-UnB), que teve seu início com a aquisição das coleções de docentes da UnB, como as dos professores Homero Pires e Pedro de Almeida Moura. Essa aquisição supria o acervo com obras muito importantes e raras que não estavam disponíveis para compra no mercado livreiro, disponibilizando assim livros selecionados de uma determinada área do conhecimento (LACERDA, 2021).

Portanto, a prática do colecionismo desenvolvida dentro das bibliotecas particulares tem grande impacto na formação de coleções públicas, “por mais que sejam essencialmente individuais e peculiares”, elas possuem uma herança patrimonial para toda uma comunidade, principalmente as universitárias (AZEVEDO et al., 2018, p. 6-7). Silva (2018, p. 66) afirma que “as bibliotecas particulares têm contribuído para a melhoria dos acervos das bibliotecas universitárias”, pois elas são uma importante fonte de pesquisa científica em vários campos do conhecimento, além de fazerem parte de uma memória social que contribui na produção de novos conhecimento e pesquisas (SANTIAGO, 2018).

3 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Dentro das unidades de informação, o processo de tratamento informacional é fundamental para a disponibilização de materiais bibliográficos no acervo, proporcionando a comunicação entre os documentos e os usuários. O tratamento da informação é a operação responsável pelo controle e registro dos materiais, sua descrição e armazenamento na coleção, tornando possível a difusão da informação (FUJITA; RUBI; BOCCATO, 2009).

Dias (2001, p. 6) define o tratamento da informação como uma função de descrição documentária que resulta em representações documentais, como registros catalográficos, referências bibliográficas, termos de indexação entre outros, facilitando o manuseio dos documentos dentro do sistema de recuperação utilizado pela biblioteca, bem como auxiliando o usuário quanto a avaliação da “relevância que o documento integral possa ter para as suas necessidades de informação”.

O tratamento da informação é, portanto, um processo interligado pela representação temática e pela representação descritiva. A representação descritiva consiste na catalogação dos documentos através da representação de suas características bibliográficas e editoriais, individualizando-o dos demais, sendo através dela que são definidos e padronizados os pontos de acesso dos documentos, tendo como propósito descrever os aspectos de forma e delimitar o controle de autoridade (MAIMONE; SILVEIRA; TÁLAMO, 2011).

A representação temática está ligada a descrição de conteúdo dos documentos através do processo de indexação, parte essencial de um sistema de recuperação da informação (RUBI; FUJITA, 2003). O indexador extrai conceitos que definem a natureza do conteúdo da obra, utilizando como base a política de indexação adotada pela biblioteca e um vocabulário controlado (SOUSA; FUJITA, 2014; LANCASTER, 2004). É através da indexação que ocorre a identificação dos conceitos mais relevantes do documento, sendo esse processo o que condiciona a busca do usuário pela informação desejada dentro do sistema (RUBI; FUJITA, 2003).

A classificação também é contemplada no processo de descrição temática no tratamento da informação. A classificação dos documentos é uma etapa importante para o acesso e compartilhamento de informações, respondendo às necessidades de organização dos acervos das bibliotecas, bem como na organização dos materiais de maneira que possibilite a sua comunicação com os usuários (NUNES; TÁLAMO, 2009).

Mas antes de ser um fazer especializado, a classificação é tida como um fenômeno social, uma ação cotidiana dos indivíduos. Nessa concepção, é notável que a todo momento o ser humano classifica os objetos e pessoas que fazem parte do seu convívio, incessantemente, pois “todas as nossas ações no mundo são envolvidas por atos classificatórios, [...] [no qual] a ação de classificar é parte constitutiva das sociedades” (ARAÚJO, 2006, p. 118).

O ato de classificar é definido por Nunes e Tálamo (2009, p. 34) como uma

ordenação de um conjunto de seres em pequenos agrupamentos, de acordo com características que os unem ou diferem de outros grupos. As leis de classificação

devem fundamentar-se nesse princípio, para que sejam legítimas. [...] A classificação é uma atividade social, [sendo] utilizada sempre em toda parte e a todo o momento; atos classificatórios, julgados por características próprias com hierarquias que separam ou unem as heterogeneidades.

Dentro das bibliotecas, a classificação bibliográfica é o método utilizado na organização física do acervo. Ela se pauta no processo de determinar o conceito central de um documento para que ele possa ser inserido em um conjunto maior, estabelecendo relações com outros documentos, atuando como uma ponte entre o acervo e seu usuário. Portanto, “infere-se disso que o ato de classificar promove a intermediação entre o sujeito e o objeto, já que a organização que produz sustenta o fluxo da informação” (NUNES; TÁLAMO, 2009, p. 35).

Barbosa (1969, p. 23) considera que um sistema de classificação é “um conjunto de agrupamentos de assuntos coordenados e subordinados por determinadas características”, denominados de classes. Tais classes apresentam subdivisões e cada subdivisão, seções, formando assim a estrutura de um sistema. Sendo a classificação de acervos a principal temática deste trabalho, busca-se compreender de que maneira esse processo ocorre dentro das bibliotecas.

A partir da perspectiva da biblioteconomia, Umbelino e Aganette (2017, p. 3) explicam que

os sistemas de classificação [...] tratam de uma linguagem artificial utilizada para que os assuntos de que tratam um documento sejam trocados por sinais ou símbolos correspondentes. Estes símbolos são as chamadas notações da classificação que, junto com a notação do autor (retiradas de tabelas como a de Cutter) formam o número de chamada do documento dentro da coleção.

Com isso em vista, a função principal de um sistema de classificação bibliográfica é a organização física de unidades informacionais de acordo com o assunto das obras que compõem o acervo. Entretanto, a organização física do acervo será determinada pelo seu objetivo e pelo público que ela atende. Primordialmente, as bibliotecas estão organizadas utilizando da classificação por assunto como foco principal, mas essa organização pode sofrer variações e adaptações ocasionadas por alguns fatores, como o tipo de material que a compõe, a faixa etária do seu público, entre outros.

Em uma biblioteca infantil, por exemplo, o método de classificação empregado no acervo pode ser a Classificação Decimal de Dewey (CDD). Porém, Hilleslieini e Fachin (2000) destacam a importância de realizar adaptações e utilizar recursos na classificação do acervo, a fim de tornar a recuperação da informação mais clara para as crianças. Um exemplo de adaptação é a utilização do sistema de cores, na qual os livros são marcados por etiquetas coloridas que retratam um assunto específico, padronizadas para cada área do conhecimento, onde a orientação de localização dos materiais está disposta em um cartaz fixado na parede, de maneira que os alunos consigam entender o sistema e encontrar a informação.

Outro tipo de acervo que sofre variações de organização física são os acervos particulares institucionalizados. Coleções particulares normalmente sofrem dispersão quando incorporadas a outras bibliotecas, já que uma vez incorporadas, precisam ser submetidas à estrutura da biblioteca que recai sobre todo o acervo. Porém, para manter a integridade do acervo particular, é importante mantê-lo reunido em uma única coleção, organizado a partir dos critérios originalmente utilizados pelo proprietário.

Dessa forma, Costa e Napoleone (2017) afirmam que lidar com acervos provindos de bibliotecas particulares depende do conhecimento que se tem da história da coleção e do seu proprietário, exigindo uma visão apurada por parte do bibliotecário. Os autores não recomendam a utilização dos sistemas tradicionais de classificação bibliográficas nesse tipo de acervo, pois geralmente não representam os métodos pessoais de organização do colecionador.

É sugerido, então, a utilização de uma taxonomia personalizada para realizar a organização do acervo pessoal, “de forma a reconhecer e manter os esquemas mentais e lógicos da organização do colecionador” (COSTA; NAPOLEONE, 2017, p. 14).

De modo geral, os principais sistemas de classificações bibliográficos utilizados em bibliotecas no ocidente são a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU).

A Classificação Decimal de Dewey (CDD) foi criada em 1876, estando atualmente em sua 23ª edição, publicada em 2011. A CDD utiliza em sua estrutura números decimais dispostos de maneira hierárquica, sendo composta por dez classes principais, sendo que nove classes representam áreas do conhecimento humano e uma classe para reunir obras relacionadas a assuntos gerais (UMBELINO; AGANETTE, 2017). As classes principais que compõem sua estrutura são: 000 Generalidades; 100 Filosofia e disciplinas relacionadas; 200 Religião; 300 Ciências Sociais; 400 Línguas; 500 Ciências Puras; 600 Tecnologia (Ciências Aplicadas); 700 Artes, Recreação e Artes Cênicas; 800 Literatura (Belas Letras); 900 Geografia. Biografia. História. Também apresenta sete tabelas auxiliares que auxiliam em um maior detalhamento do assunto (ANDRADE; BRUNA; SALES, 2011).

A Classificação Decimal Universal (CDU) foi desenvolvida a partir da ideia que Paul Otlet e Henri La Fontaine possuíam de desenvolver uma lista que abrangesse todo o conhecimento já publicado, em nível mundial. Após diversas pesquisas, Otlet e La Fontaine criaram o Manual de Repertório Bibliográfico Universal, que fora desenvolvido a partir da 19ª edição da CDD (ANDRADE; BRUNA; SALES, 2011), na qual foram adicionados alguns mecanismos e tabelas auxiliares a fim de atender as necessidades deste manual. Essas modificações realizadas na estrutura da CDD resultaram em uma estrutura mais flexível e detalhada, que posteriormente foi publicada de maneira a se tornar o sistema de classificação que conhecemos hoje, a Classificação Decimal Universal (CDU) (MCLLWAINE, 1998).

A notação resultante da classificação pela CDU é mista, pois “contém sinais, símbolos, números decimais, sinais gráficos e letras, visto que, quando estabelecido o código e ordenação é determinável a classificação do documento” (ANDRADE; BRUNA; SALES, 2011, p. 38). Sua estrutura é formada por dez classes principais: 0 Generalidades; 1 Filosofia, Psicologia; 2 Religião, Teologia; 3 Ciências Sociais; 4 Vaga; 5 Matemática, Ciências Naturais; 6 Ciências Aplicadas, Medicina, Tecnologia; 7 Artes, Recreação, Entretenimento, Desporto; 8 Língua, Linguística, Literatura; 9 História, Geografia, Biografias. Assim como a CDD, a CDU também possui tabelas auxiliares, utilizadas para representar aspectos complementares do assunto.

É possível verificar que os **princípios** observados nesses sistemas de classificação bibliográficas possuem aproximações com os métodos de organização empregados em bibliotecas particulares, como é possível observar na coleção particular de Mário de Andrade.

O poeta possuía uma extensa coleção bibliográfica em sua casa, pela qual tinha muito apreço e a fim de organizar seu acervo, o escritor elaborou seu próprio sistema de classificação. Esse sistema é composto por duas formas de ordenação: fichário analítico e etiquetas. A primeira consistiu na elaboração de um fichário analítico composto de fichas de leitura e outros documentos, na qual cada ficha era organizada em números que iam de 0 a 9, onde cada número representa um assunto de interesse do escritor (SANTOS; VALLS, 2021).

A segunda forma de organização utilizada foi a confecção de etiquetas, coladas dentro das páginas de rosto dos livros, em formato de uma cruz sob o cabeçalho do nome de Mário de Andrade. Essa etiqueta possibilita o preenchimento de quatro campos, em que no primeiro consta uma notação de qual cômodo a obra se encontra (designada por uma letra maiúscula – A até G), a segunda demarca a estante (em números romanos), a terceira designa a prateleira dentro da estante na qual a obra está (indicado por uma letra minúscula) e, por fim, o quarto campo indica o número da obra, descrito em algarismo arábico (LOPEZ, 2011).

Nota-se, dentro dessa biblioteca particular, um método de classificação que se aproxima dos sistemas tradicionais de classificação bibliográfica. O sistema de organização usado por Mário de Andrade possui uma estrutura semelhante a CDD e CDU, sendo composto por classes, divisões e subdivisões, porém sem se utilizar de casas decimais e símbolos. No acervo, o fichário analítico pode ser considerado um buscador de assunto, “já que é atribuído a cada tema um número específico, que pode conter também divisões e subdivisões, como ocorre no sistema criado por Dewey” (SANTOS; VALLS, 2021, p. 12). O diferencial no acervo particular é que as classes foram definidas de acordo com os temas de interesse do proprietário, não necessariamente atribuindo classes que abarcam todo um mundo de conhecimento de áreas específicas, como acontece na CDD e na CDU.

O estudo de Costa e Napoleone (2017) apresenta outra perspectiva acerca da organização de bibliotecas particulares, em contraposto da desenvolvida no acervo de Mário de Andrade. Nessa pesquisa, os autores supracitados investigam o acervo do historiador de arte Pietro Maria Bardi e da colecionadora Ema Gordon Klabin e utilizam como eixo principal de articulação das informações os próprios colecionadores.

Em relação ao acervo de Pietro Maria Bardi, ele é doado para a Biblioteca do Museu de Arte de São Paulo (MASP) no ano de 1977, sendo instalado no subsolo do museu. A organização do acervo foi realizada por um historiador, baseada em bibliotecas de pesquisa, na qual a prioridade foram os artistas e a divisão por assuntos, refletindo a visão do proprietário na estruturação e nas divisões temáticas. Neste caso, “havia uma visão de biblioteca para pesquisa e formação de pesquisadores” (COSTA; NAPOLEONE, 2017, p. 15).

O acervo de Ema Gordon Klabin adquire uma perspectiva mais intimista e pessoal, já que a coleção é mantida dentro da residência da proprietária, contando com aproximadamente 3.000 itens acumulados ao longo da vida da colecionadora. Na organização desse acervo em específico identificou-se critérios utilizados por Ema G. Klabin, onde nas

estantes da biblioteca guardavam apenas livros encadernados, agrupados por assunto e por idiomas, sendo que livros raros e livros sobre arte e sobre viajantes ficavam sempre nas prateleiras mais acessíveis. Havia uma preocupação com a visualização, a apresentação das estantes: há fileiras de livros encadernados em verde e vermelho. Os livros raros de grande formato eram mantidos na ante-sala do seu quarto. Os livros não encadernados, bem como as revistas, catálogos, folhetos e partituras eram guardados nas partes fechadas das estantes e dentro de móveis por toda a casa (COSTA; NAPOLEONE, 2017, p. 12-13).

Entretanto, Costa e Napoleone (2017, p. 14) afirmam que “em se tratando de acervos particulares, a utilização das conhecidas classificações bibliográficas muitas vezes não é bem aceita pelo colecionador ou proprietário por não representar seus esquemas particulares”. Entende-se, então, que as bibliotecas particulares têm uma liberdade maior na seleção de um sistema de classificação que melhor atenda às necessidades do colecionador, apenas possuindo como critério de escolha sistemas que permitam localizar, retirar e devolver os itens na prateleira de maneira facilitada, bem como na inserção de novos materiais na coleção de modo que ela não perca sua ordem lógica.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de cumprir os objetivos propostos, a presente pesquisa terá uma abordagem qualitativa. Do ponto de vista dos objetivos, ela será de caráter exploratório, que segundo Severino (2007, p. 123) é caracterizado por “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”, e de caráter descritivo, onde “os fatos são observados, registrados, analisados,

classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52).

Referente a abordagem, para Volpato (2013) uma pesquisa qualitativa se caracteriza por trabalhar com variáveis que definam a qualidade dos itens, diferentemente da quantitativa, que mede numericamente essas variáveis através de métodos estatísticos. Prodanov e Freitas (2013, p. 70) afirmam que a pesquisa qualitativa envolve a interpretação dos fenômenos observados e o processo de atribuir significado a eles, onde existe um "vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Nesta abordagem, o ambiente natural em que as questões se apresentam é a fonte direta de coleta dos dados que serão levantados no decorrer da pesquisa.

Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, definida por Richardson (2017) como um método de entrevista onde há um roteiro de perguntas determinadas previamente, mas que são passíveis de adaptações conforme o andamento da entrevista. Para a realização das entrevistas, desenvolveu-se um roteiro baseado em duas vertentes principais: (1) processo de formação da coleção e (2) identificação dos princípios de organização do acervo pessoal escolhido pelo proprietário.

Seis docentes da universidade foram entrevistados (aqui identificados como D1, D2 ... D6) com o propósito de conhecer suas bibliotecas particulares. Os docentes participantes da pesquisa fazem parte dos seguintes centros de ensino da universidade: Centro Tecnológico (CTC/UFSC – 2 docentes), Centro de Ciências da Educação (CED/UFSC – 2 docentes), Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH/UFSC – 1 docente) e do Centro de Ciências Biológicas (CCB/UFSC – 1 docente).

Para realizar o mapeamento dessas bibliotecas, aplicou-se a metodologia bola de neve, que é um “tipo de amostragem [...] não probabilística, que utiliza cadeias de referência”, onde solicita-se que os entrevistados iniciais escolhidos pela autora (denominados “sementes”) “indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente” com os demais entrevistados (VINUTO, 2014, p. 203).

O contato com os professores foi por meio de e-mail e telefone, em que foram acordados sobre os objetivos da pesquisa, sendo disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para leitura prévia (Apêndice A). Após o aceite, as entrevistas foram realizadas de dois modos: presencialmente, quando a biblioteca em questão era mantida na UFSC e online via Google Meet ou WhatsApp, no caso de acervos mantidos nas residências. As entrevistas foram gravadas (apenas o áudio), com o consentimento dos entrevistados. Ao fim do processo, realizou-se a transcrição parcial das conversas, que possibilitou recordar detalhadamente o conteúdo das entrevistas e permitiu registrar pontualmente as falas que determinaram o resultado da pesquisa.

Para tratamento dos dados, estes foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin (2016), que consiste em uma análise organizada em três polos cronológicos: pré-análise, que compreende a escolha e leitura dos materiais a serem analisados; exploração do material, que consiste na codificação dos materiais através de recortes, agregações e enumerações que representem as características do conteúdo e, por fim; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, momento de captação dos conteúdos manifestados durante as entrevistas, com respaldo no referencial teórico (SILVA; FOSSÁ, 2015).

Utilizando o método, analisou-se o conteúdo das entrevistas por meio dos áudios gravados e das transcrições realizadas, onde foram delimitados e extraídos trechos delas a fim de identificar o conteúdo das falas para posteriormente serem agrupadas em categorias para descrição dos resultados. As categorias foram definidas seguindo as vertentes definidas na elaboração do roteiro da entrevista, sendo elas: o desenvolvimento do acervo e princípios de organização. Posteriormente, a fim de cumprir com os objetivos da pesquisa, serão feitas

relações dos métodos empregados pelos docentes na organização com sistemas de classificação bibliográficas utilizados em bibliotecas.

5 RESULTADOS

Após a delimitação da metodologia e procedimentos, as seguintes seções apresentam os resultados obtidos após coleta, análise e interpretação dos dados, estando divididos em 2 subseções: sobre as bibliotecas particulares e relações com os sistemas de classificação.

5.1 SOBRE AS BIBLIOTECAS PARTICULARES

Nesta seção são abordadas as questões referentes à motivação de criação do acervo e a sua organização.

5.1.1 Desenvolvimento das coleções

Este tópico tem como finalidade o reconhecimento das bibliotecas, onde busca-se compreender de que maneira os acervos foram criados, entendendo suas origens e motivações, conhecendo, de fato, sua veemência e objetivos. Aqui serão abordadas as perguntas 1, 2 e 4 do roteiro de entrevista (Apêndice B), com foco na questão 4 que aborda objetivamente sobre a motivação de criação do acervo e a importância do mesmo para o docente. O objetivo dessa abordagem para a pesquisa justifica-se no interesse em entender a relação que o professor possui com sua própria biblioteca e compreender se essa relação pode determinar a escolha do critério de organização das obras.

Quando questionado sobre a motivação da criação do acervo e sua importância, o docente 2 relatou:

Eu fui criado numa casa, [...], na roça, que só existiam dois livros, um dicionário de língua portuguesa [...] e um livro de contabilidade que foi o mesmo onde meu pai e meu tio, os únicos irmãos, [...], ambos estudaram nesse livro no ensino técnico que eles fizeram de contabilidade. Então eu ia na casa dos meus amigos, [...] que tinham pais com ensino superior e tinham enciclopédias em casa e eu ficava encantado com aquilo. Era um conflito sempre porque os meus amigos da cidade queriam ir pro sítio brincar [...] e eu queria ficar vendo as enciclopédias. Depois, a minha escola de educação básica passou por uma reforma [...] e a nossa sala de aula que era pequena foi transferida pra dentro da biblioteca [...] e eu fiquei na fileira encostada na prateleira e bem do lado de uma coleção que eu adorava [...]. Eu descobri coisas incríveis nesse ano na escola [...] fiz grandes descobertas! (D2).

Após esse contato com a biblioteca, o entrevistado contou que

Na minha área que tem um apelo intelectual e erudito grande, uma biblioteca tem muito simbolismo, e eu quis fazer isso, mas eu construí isso só depois de ter saído da graduação. Evidentemente fui ganhando livros [...] e eu mesmo adquirindo muito livros [...] então quando começou [a criação do acervo] foi a partir dessa lacuna, dessa carência, eu quis ter um acervo (D2).

Nota-se que o acervo foi criado partindo de motivações pessoais, intrinsecamente relacionadas ao modo de vida e trajetória relatados pelo entrevistado, bem como por motivações profissionais, já que sua carreira como professor possibilitou financeiramente a aquisições das obras desejadas. Durante a conversa, relatou que possuía em seu acervo obras que recebeu de uma amiga que, ao se desfazer de seu acervo pessoal, utilizava como critério de seleção livros

que continham dedicatórias nas folhas de rosto, o qual tinha uma memória relativa a cada dedicatória, fosse ela boa ou ruim. Ao invés de guardar o livro, ela arrancava as dedicatórias e as guardava em uma caixa, como lembrança. Essa história contada pelo docente foi algo que o marcou, afirmando que “tem muito de afeto na biblioteca da gente” (D2).

O relato do D3 traz uma memória familiar em se tratando dos livros,

Como surge meu acervo né, eu sempre li muito, eu sempre gostei muito de literatura, os meus pais apesar de minha mãe ter só o curso primário e o meu pai ter feito o ginásio, eles sempre leram muito e lá em casa sempre teve muito livro. Sou de uma família de seis irmãos e todo mundo sempre leu muito (D3).

Foi a partir dessa proximidade com os livros proporcionada pela sua vivência que o docente construiu seu acervo, demonstrando sempre um grande apego afetivo ao afirmar: “Eu não tenho filhos, não tenho pet’s, eu tenho livros” (D3). Por fim, o relato do docente 6 também trouxe memórias afetivas, principalmente familiares, quando questionado sobre a motivação:

Eu sempre gostei de livros, desde que eu era criança, eu ia na casa da minha vó e ficava lá, as vezes deixava de brincar um pouco para ficar olhando os livros que minha vó tinha em casa, as vezes eu não lia só ficava folheando, eu era pequeno ainda, mas eu sempre gostei muito de livros. Ai na graduação eu comecei a comprar meus livros em sebos. Então o primeiro acervo assim que eu tive nas repúblicas que morei era uma estante de metal, mas tinha meu acervozinho ali, porque tinha a biblioteca né? Eu tinha acesso as bibliotecas, então ..., mas eu comecei a comprar alguns livros. Bom, depois, começando a vida profissional, eu fui adquirindo mais livros e em geral são livros ligados ao trabalho, ao que eu estudo né? [...] Eu dedico muito tempo a estudar coisas para trabalhar, então utilizo muito os livros, grifo eles ... então foi assim que foi crescendo meu acervo [...] eu gosto de livros [...] minha motivação é pessoal, de prazer, [mas também] de trabalho (D6).

Desde cedo o contato com livros o estimulou e com o passar do tempo a profissão também o motivou a construir seu acervo. Identifica-se que a ligação emocional com livros foi um importante fator de decisão quando se trata da formação da biblioteca pessoal desses professores. Independentemente das condições citadas por eles, sejam sociais ou financeiras, o acesso aos livros, em especial através de bibliotecas escolares, e o prazer pela leitura desencadearam um intento de formação de um acervo particular que sobressaía as necessidades profissionais da academia.

Por outro lado, as respostas a esse questionamento pelos entrevistados 1, 4 e 5 possuíram outro viés que não a instigação pessoal. Identificou-se que a motivação profissional foi a responsável pela criação e manutenção de seus acervos pessoais, como é possível visualizar na fala do entrevistado 5, que afirma que seu acervo foi criado e existe para atender as “necessidades de ensino e pesquisa” (D5). Da mesma maneira o docente 1 responde que criou seu acervo “por causa das disciplinas, porque eu gostava e porque eu emprestava para os alunos”, relatando que “tem uns livros de leitura geral, mas esses estão em casa [...] tu sabe que já foi o tempo em que eu lia histórias entendeu? Agora ou é alguma coisa sempre voltada a informação, mudanças comportamentais, a economia e a coisas assim” (D1).

Da mesma maneira, o entrevistado 4 também conta que seu acervo surgiu a partir de demandas profissionais e de estudo, respondendo ao questionamento:

Considerando o acervo em papel inicialmente, como estudante, dado as necessidades não supridas pelas bibliotecas públicas. Depois, como professor pesquisador, pela necessidade de alcance imediato, consultas inúmeras em qualquer momento e para leituras mais demoradas de obras importantes aos temas pesquisados. Depois, pelo volume que isto poderia acarretar e o custo para manter um acervo atualizado, foi necessário organizar um acervo digital (D4).

Assim compreende-se que, em sua maioria, apesar de existirem motivações pessoais na criação dos acervos, as coleções se sustentam profissionalmente, no qual o docente mantém seu acervo a fim de sanar necessidades voltadas a sua área de atuação dentro da universidade, exceto pelo acervo do docente 3. Adiante, serão descritos os métodos de organização empregados pelos professores em suas bibliotecas.

5.1.2 Organização dos acervos

Nesta seção foi descrito o método de organização de cada acervo, estando dividido pelos relatos de cada docente, objetivando facilitar a compreensão de como cada método foi construído e é utilizado. Aqui serão abordadas as demais questões do roteiro de entrevista (Apêndice B).

O entrevistado 1 é professor no departamento de Engenharia do Conhecimento (EGC/CTC/UFSC) e a entrevista aconteceu de maneira presencial em sua sala na universidade, local onde está seu acervo. Quando questionado sobre qual critério utilizava para organizar seu acervo, relatou que não possui nenhum, onde ele mesmo se denomina como “o ponto fora da curva da pesquisa”. Segundo ele,

Meus livros são organizados assim hoje: [...] livros que eu achava importantíssimos, e com o tempo eles deixavam de ser importantes, tá entendendo? aí eles iam sendo levados para [outro] armário ou para outra sala [...]. Naquela sala lá só estão os livros que eu considero [muito importantes], que eu gosto muito deles, ou que eu escrevi e outros critérios [...] eles já chegaram a ser organizados por áreas uma época [...] só que daí eu começo a mexer neles entendeu?

Observa-se que o critério utilizado é exclusivamente por **importância**, não utilizando o assunto como principal meio de organização, pois segundo relato dele, conforme consulta e usa seu acervo, acaba guardando os livros em outros lugares, não sendo relevante para D1 a manutenção da organização. De modo geral, foi possível observar que nas estantes alguns livros estão agrupados por áreas temáticas, mas esses se misturam entre si, não estando agrupados exclusivamente por assuntos, D1 relata que “você vai chegar e dizer não isso aqui está por assunto, mas vem cá? O que esse livro, por exemplo, cultura do capitalismo está fazendo aqui junto com o de estratégia, entendeu? O que o de líder está fazendo com a agenda do Hammer? [...] é uma mistura”. Quanto ao registro, não há nenhum tipo, apenas um controle de empréstimo utilizado por seus alunos, que consiste em um bloco de papel anexado na estante, porém ele não é muito utilizado pois o docente não se importa muito com as saídas e devolutivas das obras emprestadas.

Já os docentes 2, 3, 4, 5 e 6 relataram possuir um critério estabelecido para organização das suas bibliotecas. Essas divisões se mostram bem distintas entre si, possuindo suas particularidades bem definidas.

A entrevista com o docente 2 ocorreu de forma remota através do Google Meet, pois o acervo é mantido de forma privada em sua residência. Atuante no Departamento de Metodologia de Ensino (MEN/CED/UFSC), com foco no curso de Ciências Sociais, D2 demonstra uma grande afeição por seus livros. Na organização possui uma divisão “abstrata” entre ciências humanas e literatura, onde dentro dessas áreas existem outras divisões. Ele denomina como abstrata pois a biblioteca “tem uma divisão básica em trabalho e lazer, só que essa divisão ela é só arbitrária né, ela é proforma, porque eu utilizo muito do que eu leio pra lazer no trabalho e as coisas se misturam”. De modo geral, “ela é dividida em ciências humanas e literatura, essa é a divisão básica. Ai dentro dela eu aplico outros critérios” (D2).

Nas ciências humanas, as divisões estabelecidas por D2 são por tipo de literatura, podendo ser estrangeira ou nacional e dentro dessa categoria existe uma subdivisão pelos temas de interesse do professor, onde há o critério de assunto, porém voltado para a vida profissional, pois essas áreas de interesse estão relacionadas com as disciplinas que o docente leciona na universidade e disciplinas que já lecionou no passado (como geografia, história etc.) Dentro dos critérios dos temas de interesse, o docente possui uma subdivisão por pequenas coleções, onde afirma:

Tenho uma certa diletância pela psicanálise, então tenho muitas obras na área da psicologia, principalmente de psicanálise, e elas também tem um lugar específico. O que significa que dentro dessas estantes eu vou organizando pequenas coleções [...] tenho um certo interesse por ler autores do começo ao fim, [...] então à medida que vou reunindo essas obras e lendo cada uma delas, eu vou reunindo por autor. Basicamente é essa a divisão” (D2).

A seção de ciências humanas do acervo está organizada seguindo essa ordem: Ciências Humanas > Literatura estrangeira e nacional > temas de interesse > coleções por autores. A seção de lazer da estante possui “fundamentalmente a mesma divisão” (D2), a qual está subdividida da seguinte maneira: Literatura > literatura infantil, poesia e não poesia > nacionais e estrangeiros > coleções por autores. Além das subdivisões de lazer citadas, o docente também afirmou que possui uma subdivisão de teoria literária, pois devido a sua profissão e área de atuação ganha muitos livros sobre o assunto, na qual decidiu por separá-los em uma seção específica. Por não os consultar com frequência, esta seção fica na base da estante.

Outro critério utilizado é separar em uma seção específica os livros que leu durante o ano, na qual ao invés de devolver as obras ao seu local na prateleira conforme os critérios de organização determinados, ele os separa em uma prateleira específica para depois, no próximo ano, integrá-los nas estantes correspondentes. A fim de ter uma orientação pessoal, decidiu identificar os livros com a data da leitura e assim determinar uma cronologia.

Eu leio muito, é evidente [...] tem ano que leio 50 ou 60 livros e eu gosto de ao final do ano dar uma olhada no que eu li naquele ano, porque tem essa coisa das datas que eu leio. Os livros de literatura que eu li a obra completa de um autor também estão em cronologia, mas não cronologia das obras, das publicações, mas na cronologia que eu li. Eu tento manter uma prateleira livre para organizar os livros que li naquele ano e para ao final do ano [compartilhar com os amigos sobre as leituras que fiz]” (D2).

Por fim, destaca-se um critério de organização totalmente pessoal na coleção do docente 2. No topo de sua estante estão dispostas obras relacionadas especificamente a cidades que fizeram parte da sua vida e trajetória, na qual relatou:

Bem lá no alto estão o que eu chamo de minhas origens ou lugares por onde eu passei, ali eu guardo livros que eu ganhei ou adquiri que fazem referência à uma questão territorial, então livros que contam histórias da minha cidade [...] o critério [de organização] é cronológico [...]. As obras estão organizadas pela cronologia, **pela minha própria trajetória** (D2, grifo nosso).

Apesar de seu acervo ser majoritariamente dividido por assuntos e subassunto, é possível identificar os critérios intrínsecos a vida e interesses do proprietário do acervo. Quando questionado se possuía um registro de sua biblioteca, ele responde que já tentou utilizar o Excel e outros softwares, mas não conseguiu dar continuidade pois não tinha tempo para manter. “Tentei catalogar para preservar o acervo, mas não dei continuidade, porque tem dias que você passa na livraria, compra 5, 6 livros, coloca debaixo do braço e já tem outras coisas pra fazer, você não vai lembrar de catalogar aquilo sistematicamente” (D2).

O entrevistado 3 foi professor no Departamento de Biologia Celular, Embriologia e Genética (BEG/CCB/UFSC), que, após sua aposentadoria, doou todo seu acervo profissional e técnico, ficando apenas com o acervo de literatura em sua residência, onde ele aplicou um método de organização próprio. A entrevista se deu de maneira remota, através do WhatsApp. Inicialmente, ele contou sobre o interesse por organizar seu acervo pessoal,

A partir de um certo momento eu comecei a comprar [livros] e aí eu achei que se eu os cadastrasse, organizasse de alguma forma e [...] as vezes chega uma visita e eu quero conversar e to falando de um livro e aí não localizava o livro. Então aí eu resolvi fazer uma organização pra poder ter acesso a qualquer momento que eu quisesse alguma coisa. Aí eu comecei a cadastrar, mas assim Alicia, muito raro [...] muito pouco livro eu empresto [...] e quanto empresto é com extrema recomendação” (D3).

Deste modo, identifica-se com a afirmação final da fala que o professor organiza seu acervo para ele mesmo, sem a ideia de organizar para terceiros. Quando questionado sobre a organização do acervo, o professor relatou que possui dificuldades quando precisa encontrar um livro em uma livraria ou biblioteca, pois não se localiza com os critérios de organização determinados por essas instituições.

Classificação é uma coisa completamente arbitrária [...] é o critério de quem está classificando [...] classificação é uma questão artificial. Eu por exemplo, se entrar em uma livraria com toda essa minha bagagem, com todo esse meu interesse, com todo esse meu gosto eu não encontro um livro, entendeu? Se eu estou atrás de um livro eu não consigo me localizar naquelas estantes [com] os critérios que os caras usam. Às vezes é sobrenome [...] aí daqui a pouco é por assunto [...] então eu vou resolver o meu critério, é para o meu uso, então vou utilizar os meus critérios (D3).

Aponta que foi devido a essa dificuldade que o docente resolveu criar um sistema de classificação próprio, baseado em seus princípios. Em uma planilha do Excel, a organização é feita por setores da casa (quarto, sala, escritório etc.), onde em cada “setor”, ou parte da casa, há uma divisão por continentes/países e esta é subdividida por autores daquele local, que estão organizados

Por ordem alfabética do primeiro nome, não necessariamente pelo nome que eles são conhecidos, mas pelo nome real, e aí eu resolvi por uma curiosidade colocar a data de nascimento deles e de morte quando for o caso [...] aí eu tenho o local de nascimento [...] e aí eu coloco meu código [exemplo: AF.AG 01 - AF= África; AG= iniciais do autor; 01= primeiro livro que o professor adquiriu do autor]. Aí aqui eu tenho o nome da obra, a data da publicação do livro e a data da edição que eu tenho [...]. **Essa catalogação ela não é por ordem de publicação, mas sim a ordem que chega a mim** [...] eu poderia até organizar isso por ano, mas como daí o conteúdo vai ficar sempre com lacunas e eu vou acabar botando números e aí daqui a pouco eu vou ter que substituir os números todos (D3, grifo nosso).

Além das divisões por continentes/países, há divisões como música (biografias etc.), história, coleção de livros de amigos, dicionários, pequenas coleções de livros (série de livros - exemplo, sete pecados capitais, onde cada autor escreveu sobre um pecado), *cartoons*, autores gaúchos, mulheres brasileiras, homens brasileiros e uma divisão para o José Saramago (JS.01, JS.02 etc.). “Então na realidade [...] eu dividi a coisa por país, continente e alguns autores que eu tenho muitos volumes [...] eu crio um código próprio deles. O José Saramago, apesar de ser português, ele não está dentro da categoria de Espanha/Portugal” (D3).

Resumidamente, a classificação segue os seguintes critérios: Área geográfica (país de origem do autor) > autor > data de recebimento da obra no acervo, na qual a ordenação é feita

pelos livros do autor que ele adquiriu primeiro. A fim de exemplificar essa organização, o quadro 1 ilustra um fragmento da tabela de Excel criada pelo docente:

Quadro 1 – Fragmentos da tabela de classificação do docente 3

Espanha					
Miguel de Cervantes	1547/1616	Alcalá de Henares/Espanha	ES.MCS.01	Dom Quixote (v. 1)	1605
			ES.MCS.02	Dom Quixote (v. 2)	1605
José Saramago					
José Saramago	1922/2010	Azinhaga/Portugal	JS.01	Terra do pecado	1947
			JS.02	Os poemas possíveis	1966
			JS.03	A bagagem do viajante	1969/73

Fonte: Arquivo pessoal do docente 3, adaptado pela autora, 2022.

Além da planilha, os livros estão identificados por etiquetas na lombada com o número de chamada estabelecido na tabela (exemplo: ES.MCS.01). Ainda, as estantes também estão identificadas com etiquetas contendo a nomenclatura das classificações (país, autor, mulheres brasileiras etc.). Outra seção presente nas estantes de seu acervo é a fila de leitura, onde no seu quarto há uma prateleira que estão as obras que não foram lidas e assim que o professor faz a leitura dessas obras, elas passam por esse processo de tratamento físico e são colocadas nas suas respectivas classificações.

Ao longo da entrevista, levantou-se o questionamento se a iniciativa de fazer uma classificação dos livros surgiu da experiência profissional como Biólogo:

Sim e não. Sim no sentido de que minha origem profissional fez eu trabalhar com classificações, entender critérios de classificação e entender que isso é uma coisa artificial [...] então da biologia eu herdei que classificar é importante. Agora o critério de classificação foi esse assim, [que foi sendo definido conforme a demanda do acervo e preferencias do professor] (D3).

Na entrevista com o docente 4, que ocorreu remotamente por WhatsApp, identifica-se que a organização se encontra por assuntos, porém com uma particularidade: a localização das estantes é definida pela memória. O professor entrevistado é aposentado e fez parte do Departamento de Sociologia e Ciência Política (SPO/CFH/UFSC) da universidade e, portanto, seu acervo é em sua totalidade voltado para a área acadêmica na qual fez parte.

O acervo está dividido de duas maneiras: por temas gerais e por autores. Na conversa, o docente afirmou que a necessidade de organizar seu acervo surgiu através das disciplinas que lecionava, afirmando

se eu ia dar aula sobre um determinado tema eu separava os livros consultados sobre aquele tema, se eu ia usar mais exaustivamente bibliografias sobre um determinado autor eu separava aquele autor, se eu estava pesquisando tema como memória histórica eu separava todos os livros sobre memória histórica. Então essa organização espacial por autores e por temas, hora eles se mesclam, hora estão separados, foi em função da necessidade de uso toda hora e que estivesse ao meu alcance, estender o braço e pegar o livro (D4).

Apesar da classificação empregada ser bem delimitada por temas e autores, ela não possui nenhum artifício de sinalização. Entretanto, o docente conhece seu acervo e sabe exatamente onde está cada obra, afirmando “se você me perguntar qualquer autor ou qualquer livro eu vou saber dizer em que sala está e em que prateleira está, por isso que só eu mesmo tenho autorização de fazer a limpeza aqui” (D4). Portanto, a organização apesar de bem estruturada, é exclusivamente para uso do professor, já que

não tem nenhuma classificação, é apenas de memória de como estão distribuídos espacialmente, por isso que se alguém quiser algum livro emprestado pode vir pegar, não tem problema, mas não pode arrumar, limpar etc., porque aí já bagunça, [...] e eu não tenho catálogo e, portanto, eu tenho a memória espacial de onde estão (D4, grifo nosso).

O docente 5, professor no Departamento de Automação e Sistemas (DAS/CTC/UFSC), mantém seu acervo em sua sala na universidade, onde ocorreu a entrevista presencial. De modo geral, D5 organiza seu acervo de maneira bem delimitada por assunto > subassunto, na qual o docente denomina como macroáreas e microáreas, afirmando “aqui eu tenho cada prateleira basicamente organizada por essas macroáreas, algumas dessas macroáreas ocupam mais do que uma prateleira, mas não tem nada misturado [...] é como se dentro de cada macroárea tivessem microáreas” (D5). Em sua sala na universidade possui apenas os livros especializados, mas relatou que possui um acervo de literatura em casa, mas que é adepto ao uso do *kindle*³. Além disso, afirma que não possui nenhum registro das suas obras, mas que realiza empréstimo para os alunos que tenham interesse e que para isso possui uma folha em sua gaveta para registro, porém nunca utiliza pois não teve problemas em relação a isso.

Por fim, a sexta entrevista se deu com o professor do Departamento de Metodologia de Ensino (MEN/CED/UFSC), que ocorreu remotamente pelo WhatsApp. Segundo o docente, o acervo foi fragmentado em duas partes: uma está disposta na universidade, contendo os livros voltados ao ensino (física, história da ciência, divulgação científica) e a outra parte está em casa, com obras voltadas ao lazer, bem como os livros que mais usa, pois trabalha em casa. De modo geral, a biblioteca é organizada seguindo critérios de assuntos/áreas gerais, porém sem possuir subdivisões, justificando que

não chega ter tantos livros pra eu fazer a separação e eu não sou muito organizado, mas estão por tópicos assim, não tem subdivisão [...] as vezes eu junto alguns autores, por exemplo o Bruno Latour é outro autor que uso muito e eu tenho muitos livros dele, então eu coloquei todos juntos [...] em geral estão próximos os autores que eu considero próximos ao Latour [...] então as vezes eu organizo por autor (D6).

Além da divisão por assunto, o docente possui apenas uma seção utilizando o autor Michel Foucault como critério de classificação, pois sua coleção do filósofo é mais extensa e acabou sendo agrupada como uma coleção. Na biblioteca também é possível encontrar livros que não estão aliados a uma classificação específica e, portanto, acabam formando uma pequena “coleção de livros sem critério de classificação”:

Tem livros que não tem como classificar, aí eu boto tudo junto aqui porque são livros que as vezes me interessam, coisas mais antigas que estudei a algum tempo, então é um livro de filosofia, um livro de psicanálise, um livro de antropologia enfim, coisas assim que é mais por curiosidade mesmo que eu comprei (D6).

Mesmo que o acervo não seja sinalizado e a divisão seja ampla, o docente afirma que a separação é suficiente para se localizar nas estantes, o qual atende as suas necessidades, bem como as de seus alunos. Perguntado se realiza alguma forma de registro ou controle, ele afirma que não, mas demonstra interesse em fazer um registro das obras que compõe sua biblioteca, afirmando: “Ah gostaria, sempre foi meu sonho, mas não tenho. Queria fazer isso há muito tempo, mas nunca consegui fazer” (D6).

De maneira geral, quando questionados se consideram seu método de organização eficiente, todos afirmaram que sim. O docente 1, apesar de não possui critérios, consegue se localizar muito bem na sua própria disposição pessoal “bagunçada”, assim como os docentes 2,

³ Kindle é um dispositivo que disponibiliza o acesso a livros digitais.

4, 5 e 6 que, apesar de não possuírem um registro das obras que compõe seu acervo, sempre conseguem localizar as obras desejadas, afirmando: “sim, eu me encontro bem, até porque as categorias fundamentais são essas né literatura e ciências humanas, autores estrangeiros e nacionais” (D2), “me satisfaz plenamente” (D5) e “Perfeitamente, [...] quando eu não encontro um livro é porque ele ta emprestado e eu não anotei que emprestei” (D6).

O docente 4 faz um apontamento sobre seu registro pela memória, onde apenas ele consegue acessar as obras no acervo, afirmando que isso é um problema, pois limita o acesso a quem tiver interesse em consultar a biblioteca.

Aqui qual é o problema, é que depende de mim né? Se eu não estiver aqui alguém vai perder muito tempo para encontrar um livro que precise e que sabe que está aqui, por que eu não tenho nenhum registro certo? Então se alguém precisar, um aluno meu etc., olha vai lá em casa que na biblioteca você vai encontrar um livro do autor X, aí o cara chega aqui ele vai perder um pouquinho de tempo para saber onde está localizado. Se eu estou aqui eu digo ‘ó você vai naquela estante e naquela prateleira que ele está lá’. Então ele tem uma utilidade para mim, particular, **que eu sou o portador dessa memória**, mas para outra pessoa isso dificulta (D4, grifo nosso).

Por fim, o docente 3 afirma que se localiza com muita eficiência, pois possui um registro e indicações nas estantes que possibilitam localizar as obras facilmente.

5.2 RELAÇÕES COM SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICAS

Ao analisar cada um dos métodos de organização utilizados pelos professores universitários, identifica-se que quase todos, com exceção do docente 1, utilizam em partes da classificação por assunto como critério na organização. Entretanto, os critérios de classificação divergem entre si quando analisados mais detalhadamente, momento em que identificam-se as singularidades dos acervos.

A fim de facilitar a visualização dos resultados, desenvolveu-se um quadro que apresenta os comparativos entre os sistemas bibliográficos, especificamente CDD e CDU, e as singularidades encontradas nos critérios de organização utilizados pelos professores entrevistados (quadro 2).

Quadro 2 – Comparativo entre sistemas bibliográficos e bibliotecas particulares

Semelhanças com os sistemas bibliográficos	Singularidades dos acervos pessoais
<ul style="list-style-type: none"> > Divisão e subdivisão por assunto. > Utilização do critério de localização. > Ordenação alfabética por autores. > Ordenação cronológica. 	<ul style="list-style-type: none"> > Divisão do acervo segundo critério de importância. > Divisão geográfica como classe principal. > Seção do acervo com livros que retratam unicamente a trajetória de vida. > Não há subdivisões nos assuntos. > Autores: <ul style="list-style-type: none"> - Como classe principal. - Pequenas coleções. - Agrupamento por autores semelhantes. > Cronologia pessoal: <ul style="list-style-type: none"> - Ordenado pela trajetória de vida; - Ordem de leitura; - Ordem de recebimento.

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Ao analisar os princípios utilizados nos acervos, identificou-se alguns critérios que se assemelham com os sistemas bibliográficos, como a divisão e subdivisão por assunto, utilização do critério de localização, a ordenação alfabética por autores e a ordenação cronológica das obras. De modo geral, o assunto se mostra como aspecto base na organização das bibliotecas

dos docentes 2, 3, 4, 5 e 6, em alguns de maneira mais exaustiva que outros, mas é a complementação dessa organização, no entanto, que as tornam singulares.

Juntamente com os assuntos, nota-se a presença de autores como classe principal em pelo menos três acervos, onde os autores além de determinarem classes, definem pequenas coleções. No acervo do D1 são formadas coleções de autores preferidos do docente, no D4 há presença de classes principais por autores, mas que em determinados momentos se misturam com o assunto, e no acervo do D6 que, apesar de possuir apenas uma classificação por autor, realiza o agrupamento de obra por autores que ele considera como semelhantes.

Ademais, a utilização do critério de localização é vista no acervo do D3 como uma classe principal, na qual o docente não utiliza o assunto como divisão, mas sim o continente/país de origem dos autores. Dentro dos sistemas bibliográficos é possível identificar esses critérios nas tabelas auxiliares presentes em cada classificação. Na CDU existe um número auxiliar, indicado entre parênteses, utilizado para especificar a classificação de uma obra quanto a localização, encontrado na Tabela 1e dos números auxiliares. Assim como na CDU, a CDD também utiliza uma tabela para especificar a classificação, sendo essa a Tabela 2: áreas geográficas.

Também no acervo do D3 é possível identificar outra semelhança com os sistemas bibliográficos, que é a ordenação alfabética dos autores. Dentro das classificações bibliográficas os autores são comumente utilizados como uma notação que individualiza uma obra dentro do acervo, possuindo o objetivo de distinguir um livro do outro dentro de uma classificação onde há dezenas de obras sobre um mesmo assunto. Essa organização é encontrada na biblioteca do docente 3 que coloca, dentro das classes gerais, uma subdivisão alfabética pelo nome dos autores dos livros.

Além da ordenação por autores, para que um acervo possa ser organizado de maneira lógica, um critério utilizado em bibliotecas que adotam a CDD/CDU é o ano de publicação da obra, que permite que uma classificação específica do acervo fique ordenada de maneira crescente quanto ao seu ano, indo da edição mais antiga para a mais recente. Esse princípio também foi identificado dentro das bibliotecas particulares, porém com um viés exclusivamente pessoal. A cronologia utilizada pelo D2 é definida de duas maneiras: pela sua própria trajetória de vida, bem como pela ordem de leitura dos livros de determinadas coleções. Da mesma maneira o D3 ordena seus livros de acordo com a ordem que os adquiriu e não pela data de publicação delas.

Por fim, a biblioteca do D1 não compartilha de nenhuma similaridade com os sistemas bibliográficos pois não possui, como afirma o entrevistado, um método de organização propriamente dito, apenas segue o critério de importância.

Apesar de utilizarem substancialmente o assunto como princípio de divisão, as singularidades se destacam dentro dos acervos, que trazem diferentes olhares sobre a organização de bibliotecas particulares, estando relacionados com aspectos como tempo, importância, preferências por determinados autores e a quantidade de livros que há deles e trajetória de vida.

No final da entrevista, quando questionados se utilizariam sistemas bibliográficos como os de biblioteca em seus acervos, obteve-se as seguintes respostas:

Conforme D1, “não, não adianta [...]. Depende do usuário, se for uma pessoa organizada, metódica, aí legal, mas uma pessoa que não é organizada, como eu, não é interessante, [pois] não sou ligado nisso” (D1). Além de não ter interesse em organizar seu acervo por assunto, o docente 1 relatou um evento cômico relacionado a situação,

Vou te contar uma história. Uma vez uma aluna da biblioteconomia, que era minha [bolsista] PIBIC, ela ficou no meu laboratório por um ou dois dias enquanto eu estava em viagem, e ela tinha a chave do laboratório. Quando eu voltei ela tinha organizado meus livros, eu quis matar ela. Tem um negócio que desapareceu que eu só fui achar

quando eu fiz a mudança [da minha sala]. [Então], a última vez que mexeram eu já desorganizei de novo (D1).

É notável a preferência do professor pelo seu próprio método, demonstrando o quanto sua identidade está refletida na organização. O docente 2 manifestou interesse na organização por sistemas de classificação bibliográficas, porém apenas quando ministrado por um profissional bibliotecário ou bolsistas da área, pois individualmente considera inviável por ser uma tarefa que demanda tempo. “A gente cria uma maluquice para classificar, mais fácil seria contratar um arquivista ou bibliotecário e organizar no padrão, até porque a gente se perde (D2)”.

Assim como o docente 4, que acha interessante a utilização de um sistema, mas apenas no caso desse acervo ser de uso comum, não individual.

Eu concordo que bibliotecas usem sistemas lógicos e racionais para depois guardar de volta os livros naquele lugar e [serem encontrados] por uma outra pessoa que vai novamente fazer uma consulta. Agora aqui para mim em casa o volume que eu tenho hoje aqui está na fronteira entre uma organização espacial do único usuário particular, mas se eu continuasse comprando livros talvez eu precisasse de um sistema desse, [mas esse ainda não é o momento] (D4).

O docente 3 traz seu relato com a utilização dos sistemas bibliográficos e o quanto essa classificação o desagrada. Quando questionado, respondeu “não, não porque eu odeio as classificações de bibliotecas porque eu não entendo nada e eu não consigo funcionar com uma coisa que eu não entenda e aí pra eu pegar alguém para me explicar exatamente todo aquele princípio eu prefiro criar o meu princípio” (D3).

Por fim, o professor 6 também não demonstra interesse em organizar seu acervo através de sistemas de classificação bibliográficas pois não considera viável essa utilização, tendo em vista a extensão do seu acervo, “Eu penso que não, porque não é um acervo tão grande [...] então não vejo necessidade” (D6). Da mesma forma considera o auxílio de profissionais bibliotecários e bolsistas não muito úteis na sua biblioteca, pois prioriza o seu contato com os livros.

Como eu tenho toda essa relação muito pessoal com os livros, sabe? Às vezes eu não to nem trabalhando e eu só vou lá, pego um livro na estante, sento e fico folheando. Eu gosto, eu prefiro ter essa relação assim um pouco mais caótica, organizada, mas nem tanto, sabe? **Eu prefiro ter essa relação** (D6, grifo nosso).

É notável que, de modo geral, os docentes não consideram viável e nem interessante a utilização individual dos sistemas de classificação bibliográficos em seus acervos, visto que priorizam a relação pessoal com a organização das obras. A seguir, na seção 6, apresenta-se as considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar as entrevistas com os docentes a respeito de suas bibliotecas particulares, essas demonstraram ser algo além de um auxílio acadêmico e de lazer: elas caracterizaram seus tutores. Essa caracterização foi encontrada nos detalhes mais minuciosos e nas frases mais bonitas, que com certeza marcaram o decorrer da pesquisa e redação dos resultados encontrados.

O estudo evidenciou os princípios de organização utilizados pelos professores, atendendo ao objetivo da pesquisa. Foi possível identificar que, em sua grande maioria, os acervos se aproximam das estruturas vistas na CDD e na CDU. Dos seis acervos analisados,

quatro utilizam assuntos como classes principais: dois utilizam essencialmente o assunto das obras como critério de divisão e dois apenas em partes, onde foi possível ver a classificação misturando conceitos de assunto, autores e histórias pessoais. Os outros dois destoaram desse método ao utilizarem critérios diferenciados, e até inéditos: a importância do livro para o docente e a divisão geral por continentes e países. Apesar de diferentes entre si, todos os métodos descritos pelos docentes cumprem, de acordo com suas falas, com eficiência o seu papel na organização e localização da informação nas respectivas bibliotecas particulares.

No decorrer da pesquisa foram se destacando singularidades nos acervos que surpreenderam, como a utilização do princípio de importância na organização. Por certo foi o ponto fora da curva da pesquisa, como menciona o docente que utiliza esse critério, pois é um método que mostra o quanto o proprietário conhece seu acervo e sabe exatamente onde está cada livro. Essa identificação surpreende no fato de que reconhecer o acervo, estando ou não organizado, é mostrar o seu próprio reflexo através das estantes.

Ainda, a presença da cronologia como critério para classificar também se destaca por utilizar elementos totalmente pessoais na organização das bibliotecas. Ela é vista em dois acervos: o primeiro que a utiliza, busca mostrar sua própria história de vida ao classificar uma seção do seu acervo de maneira cronológica ao qual viveu, organizando os livros das cidades onde já passou por ordem de sua própria trajetória. Além de utilizar esse critério nessa seção, ele também organiza os livros de literatura em que leu a obra completa de determinado autor pela cronologia que leu as obras. O segundo usa a cronologia como critério de ordenação, pois ao invés de organizar de maneira crescente ou decrescente por publicação das obras, utiliza a ordem a qual o livro chegou até ele. Apesar de o docente definir a cronologia como uma alternativa para não haver lacunas na classificação, ela acaba evidenciando sua história com o livro.

Apesar das similaridades com os sistemas bibliográficos, as bibliotecas particulares se diferenciam no que tange ao objetivo da organização, visto que os sistemas como CDD e CDU têm como base de divisão de assunto a noção de disciplina, se aproximando da forma de organização do conhecimento científico, enquanto nos acervos pessoais se caracteriza uma organização particular que identifica seu dono, focando em critérios de classificação que definem seus próprios interesses, fato evidenciado por essa pesquisa.

Embora tenha apreciado a trajetória que me trouxe até aqui, algumas limitações foram encontradas no caminho. A impossibilidade de visitar cada acervo certamente foi uma barreira, pois não permitiu que eu visualizasse a disposição física e espacial dos livros, fato que poderia proporcionar uma experiência mais imersiva na classificação usada pelos professores em suas bibliotecas. Das seis, apenas duas tive a oportunidade de visitar pois encontravam-se na universidade. Outra limitação foi a dificuldade em fazer o mapeamento dos acervos, visto que não havia muitos contatos iniciais para utilizar como ponto de partida.

Mesmo diante das limitações, as entrevistas foram muito enriquecedoras e abriram horizontes para novas ideias. Como perspectiva de pesquisa, o estudo sobre a relação dos docentes com seus livros com certeza abre várias possibilidades, com destaque na relação de motivação pessoal de criação do acervo e se esse fator influencia na escolha do método de organização das bibliotecas particulares.

Foram as histórias contadas nas entrevistas que despertaram a curiosidade em conhecer a fundo o acervo e tentar ver e compreender o professor através de sua biblioteca. Além de conhecer a maneira na qual organizam espacialmente sua informação, foi possível enxergar as histórias e as vidas que fluem por entre as estantes desses docentes, mostrando que a localização dos livros é tão pessoal e cativante quanto as próprias obras. São as “dedicatórias arrancadas dos livros” que irão marcar a memória daqueles que escutam sobre a história da biblioteca particular.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Lucas Veras de; BRUNA, Dayane; SALES, Wesleyne Nunes de. Classificação: uma análise comparativa entre a Classificação Decimal Universal – CDU e a Classificação Decimal de Dewey – CDD. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 31-42, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/22737>. Acesso em: 07 mar. 2022.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos teóricos da classificação. **Encontros Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da informação**, Florianópolis, v. 11, n. 22, p. 117-140, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11n22p117>. Acesso em: 07 mar. 2022.
- ARAÚJO, Emily Lima Galdino de; VILA, Monise Danielly Pessoa. A biblioteca e suas tipologias. In: Congresso de Gestão Pública do Rio Grande do Norte, 13., 2019, Natal. **Anais [...]**. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: <http://congesp.rn.gov.br/anais/edicoesanteriores.html>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 233-249, set./dez. 2010. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1070>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- AZEVEDO, Fabiano Cataldo de; et al. Apresentação. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e (org.). **Da minha casa para todos**: a institucionalização de acervos bibliográficos privados. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2018. p. 05-07. Disponível em: <https://daminhacasaparatodos.icict.fiocruz.br/>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- BARBOSA, Alice. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev e ampl. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEZERRA, F. O.; SILVA, A. K. A. A biblioteca particular e sua função social: um espaço de (in)formação de leitores. **Biblionline**, v. 4, n. 1/2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/3140/2623>. Acesso em: 08 mar. 2022.
- CÂNDIDO, Antônio. A evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. **Notícia bibliográfica e história**, Campinas, n.135, p. 82-86, 1990.
- CARIBE, Rita de Cássia do Vale. A biblioteca especializada e o seu papel na comunicação científica para o público leigo. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 185 -203, jan. /jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2511>. Acesso em: 12 fev. 2022.
- COELHO, Gislene Teixeira. **A biblioteca como representação metafórica da intelectualidade latino-americana**, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/Gislene-Teixeira.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2022.

COSTA, Ivani Di Grazia; NAPOLEONE, Luciana Maria. Bibliotecas particulares e coleções especiais: diferentes perspectivas. *In: Encontro Nacional de Instituciones con fondos antiguos y raros*, 4., 2017, Buenos Aires. **Anais** [...]. Buenos Aires: Biblioteca Nacional Mariano Moreno, 2017. Disponível em: <https://www.bn.gov.ar/bibliotecarios/encuentros-jornadasseminarios/libros-antiguos-y-raros/p-iv-encuentro-nacional-de-instituciones-con-fondosantiguos-y-raros-p>. Acesso em: 08 mar. 2022.

DIAS, Eduardo Wense. Contexto digital e tratamento da informação. **DataGramZero**, [s. l.], v. 2, n. 5, out. 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6855>. Acesso em: 07 mar. 2022.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: Edusp, 2008.

FREITAS, Marília Augusta de; SILVA, Vanessa Barbosa da. Bibliotecas públicas brasileiras: panorama e perspectivas. **Revista digital de biblioteconomia e ciência da informação**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 123-146, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15196>. Acesso em: 10 fev. 2022.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; RUBI, Milena Polsinelli; BOCCATO, Vera Regina Casari. O contexto sociocognitivo do catalogador em bibliotecas universitárias: perspectivas para uma política de tratamento da informação documentária. **DataGramZero**, [s. l.], v. 10, n. 2, abr. 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6489>. Acesso em: 07 mar. 2022.

GIGANTE, Maristela Cid. Os sistemas de classificação bibliográfica como interface biblioteca/usuário. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/656>. Acesso em: 11 mar. 2022.

HENKLE, Herman H. Introduction: what is special? **Library Trends**, v. 1, n. 2, p. 169-172, 1952. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/handle/2142/5461>. Acesso em: 10 fev. 2022.

HILLESLEINI, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar: relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 5, n. 5, p. 90-103, 2000. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/349>. Acesso em: 07 mar. 2022.

LACERDA, Ana Regina Luz. A importância das bibliotecas particulares incorporadas aos acervos públicos: as coleções da biblioteca central da Universidade de Brasília. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp. CBBB 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/825>. Acesso em: 13 fev 2022.

LACERDA, Ana Regina Luz. Da Importância de se manter reunidas bibliotecas particulares: quatro exemplos da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE-UNB). **Memória e Informação**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 104-117, jan./jun. 2021. Disponível em: <http://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/158>. Acesso em: 13 fev. 2022.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2004

LOPEZ, Telê Ancona. Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem de sua biblioteca e de sua marginalia. **Escritos: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa**, [s. l.], v. 5, n. 5, 2011. Disponível em: <http://escritos.rb.gov.br/numero05/artigo04.php>. Acesso em 07 mar. 2022.

MAIMONE, Giovana Deliberali; SILVEIRA, Naira Christofolletti; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Reflexões acerca das relações entre representação temática e descritiva. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 27-35, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/7367>. Acesso em: 07 mar. 2022.

MCLLWAIN, I. C. **Guia para utilização da CDU: um guia introdutório para o uso e aplicação da Classificação Decimal Universal**. Brasília, DF: IBICT, 1998.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MOLES, Abraham A. Biblioteca pessoal, biblioteca universal. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 39-52, jan./jun. 1978. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/29059>. Acesso em: 13 fev. 2022.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 4. ed. Brasília: Briquet de Lemos; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

NUNES, Leiva; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Da filosofia da classificação a classificação bibliográfica. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 30-48, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1973>. Acesso em: 07 mar. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 17 dez. 2021.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

RUBI, Milena Polsinelli; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elementos de política de indexação em manuais de indexação de sistemas de informação especializados. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 66-77, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/38387>. Acesso em: 07 mar. 2022.

SANTIAGO, Maria Cláudia. O processo de institucionalização da biblioteca do médico Antônio Fernandes Figueira. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e (org.). **Da minha**

casa para todos: a institucionalização de acervos bibliográficos privados. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2018. p. 05-07. Disponível em: <https://daminhacasaparatodos.icict.fiocruz.br/>. Acesso em: 05 mar. 2022.

SANTOS, Fernanda do Nascimento; VALLS, Valéria Martin. A classificação do acervo da biblioteca particular de Mário de Andrade. **REBECIN**, São Paulo, v. 8, p. 01-14, dez. 2021. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/266>. Acesso em: 07 mar. 2022.

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237>. Acesso em: 04 mar. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas**, Campina Grande, v. 16, n. 1, p. 1-14, jan./jun., 2015. Disponível em: <https://arquivo.revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/issue/view/142>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SILVA, Helen de Castro. **A biblioteca da fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX**. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102417>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SILVA, Rosângela Coutinho da. **Sob a pele dos livros da coleção do professor Celso Cunha**. 2018. Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/36558>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SILVEIRA, Nalin Ferreira. Evolução das bibliotecas universitárias: information Commons. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 69-76, jan./jun., 2014. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/923>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SOUSA, Brisa Pozzi de; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Análise de assunto no processo de indexação: um percurso entre teoria e norma. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 19-34, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/16281>. Acesso em: 07 mar. 2022.

SOUZA, Rosali Fernandez de. Organização do conhecimento. *In*: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 103- 123.

UMBELINO, Michelle; AGANETTE, Elisângela Cristina. Classificação Decimal de Dewey: algumas motivações e justificativas de uso pela rede de bibliotecas da UFMG. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 3, p. 43-54, jul./set. 2017. Disponível em:

<https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/36170>. Acesso em: 07 mar. 2022.

VELLOSO, Ana Paula Meyer. **Bibliotecas particulares e dispositivos de leitura**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3974>. Acesso em: 13 fev. 2022.

VOLPATO, Gilson L. **Ciência: da filosofia à publicação**. 6. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Revista Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez., 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/issue/view/459>. Acesso em: 14 jun. 2022.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia, intitulada “Organização de bibliotecas particulares de docentes da Universidade Federal de Santa Catarina” a ser conduzida pela acadêmica Alicia Dill Loose, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Camila Monteiro de Barros, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Peça orientação quantas vezes for necessário para esclarecer todas as suas dúvidas. A proposta deste Termo é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo.

- 1) O objetivo desta pesquisa é identificar como os aspectos de organização das bibliotecas particulares de docentes da UFSC se caracterizam, buscando compreender como ocorre o processo de organização do conhecimento nestes espaços, realizando comparações com os sistemas de classificação bibliográficos utilizados em bibliotecas.
- 2) Caso aceite, você participará de uma entrevista com duração de 15 minutos, gravada (apenas áudio), a ser realizada preferencialmente na biblioteca alvo do estudo.
- 3) Sua participação nesta pesquisa é voluntária e, portanto, não envolve remuneração.
- 4) Sua participação na pesquisa não prevê ônus financeiro da sua parte. Caso isso ocorra, você será ressarcido após informar à professora orientadora.
- 5) Você pode deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa e sem nenhum prejuízo.
- 6) Todas as informações colhidas serão analisadas em caráter estritamente científico, os pesquisadores serão os únicos a ter acesso aos dados e tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas da área da biblioteconomia e ciência da informação e mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome ou outros dados pessoais. A estudante pesquisadora e a professora orientadora, que também assinam esse documento, comprometem-se a conduzir a pesquisa de acordo com as informações apresentadas neste TCLE. Caso você queira mais informações antes, durante ou após sua participação na pesquisa, entre em contato:

– Acadêmica de Biblioteconomia Alicia Dill Loose, realizadora deste estudo: e-mail: alici.loose@gmail.com.

– Professora orientadora Camila Monteiro de Barros: e-mail: camila.c.m.b@ufsc.br.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Declaro que li este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança) e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa intitulada “Organização de bibliotecas particulares de docentes da Universidade Federal de Santa Catarina”. Estou ciente que receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por mim e pela pesquisadora responsável. Entendo que ao assinar este documento, não estou abdicando de nenhum de meus direitos legais.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do responsável pelo estudo
ALICIA DILL LOOSE

Assinatura da Orientadora
Dr^a. CAMILA MONTEIRO DE BARROS

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Docente: _____

Departamento/curso: _____

Data da entrevista: ___/___/___

- 1) Tamanho aproximado do acervo físico (número de obras): _____
- 2) Quais são as áreas temáticas e os tipos de materiais presentes no acervo?
- 3) Tem documentos digitais que você considere um acervo?
- 4) Qual foi a motivação para a criação deste acervo? E qual a importância desse acervo para você?
- 5) Como você organiza esses materiais? Quais os critérios, métodos? É inspirado em princípios ou sistemas bibliográficos adotados em alguma biblioteca que você tenha como referência?
- 6) Como esse método de organização foi definido (partiu de qual necessidade)?
- 7) Você acha que esse método é eficiente? Você consegue lembrar/saber o que tem no acervo e encontrar os materiais que precisa?
- 8) Utiliza algum sistema para registro ou controle desse material (aplicativo, tabela no Excel, anotações)?
- 9) Você conhece/já usou sistemas de classificação de biblioteca como a CDU e a CDD (presença de classes e subclasses de assunto)? Você considera viável a utilização desses sistemas em bibliotecas particulares?
- 10) Já trabalhou com algum bibliotecário, estagiário de biblioteconomia etc. na organização desse acervo? Você considera viável esse auxílio?